

A afixação das teses de Lutero

Lenda ou Fato?

Por Franz Lau

trad.: M. Siegle e M. Dreher

Ainda não faz 10 anos que se principiou a discutir a respeito da afixação das teses de Lutero; se pôs em dúvida a data tradicional de 31 de outubro de 1517 e até se afirmou que a afixação das teses não houvesse ocorrido, sendo apenas uma lenda. Há 10 anos, no verão de 1957, assisti e vi, por ocasião da 3.^a assembléia geral da Federação Mundial Luterana, como um carro alegórico era conduzido através das ruas da cidade de Minneapolis em Minnesota U.S. A. sôbre o qual estava montado um cenário representando a porta da Igreja do Castelo de Wittenberg e um professor de Escola Dominical vestido e penteado como um monge afixava nela com marteladas impetuosas uma cópia das 95 teses de Lutero contra a indulgência. Nenhuma das testemunhas oculares desta enenação (típicamente americana) poderia imaginar, nem da forma mais remota, que a afixação das teses viesse a se tornar no decurso dos 10 anos seguintes, de maneira tão acalorada, temário de uma discussão acadêmica e que viesse a ser discutida de maneira tão violenta como de fato ocorreu. Sòmente por ocasião da Festa da Reforma do citado ano de 1957, foi publicado no *Deutsches Pfarrerberblatt* um artigo no qual se afirmava que as assim chamadas teses sôbre a indulgência não haviam sido afixadas no dia 31 de outubro de 1517, mas sòmente no dia 1.^o de novembro do mesmo ano.¹ Em outros termos: A Reforma seria comemorada sem razão no dia 31 de outubro e deveria ser antes comemorada no dia 1.^o de novembro. A discussão entre *Hans Volz*, principal colaborador científico na edição weimariana das obras de Lutero, que havia escrito o artigo, e seus dois críticos principais *Kurt Aland* e *Heinrich Bornkamm* (a respeito da data da afixação das teses) prolongou-se por 3 anos.² A afirmação de Volz provocou discussões muito mais acirradas no seio das comunidades evangélicas do que no campo da teologia acadêmica ou da ciência histórica. A problemática discutida, afinal de contas, nem valia o empenho empregado. Tratava-se do fato: se a véspera de uma festa fazia parte da festa ou não, i. é,

- 1 H. Volz, An welchem Tage schlug Martin Luther seine 95 Thesen an die Wittenberger Schlosskirche an? *Deutsches Pfarrerberblatt* 57 (1957) pág. 457s.
- 2 K. Aland, Der 31. Oktober 1517 gilt zu Recht als Tag des Thesenanschlages Martin Luthers. *Ibidem* 58 (1958) pág. 241-245. — H. Volz, Martin Luthers Thesenanschlag. *Ibidem* pág. 488-490. — H. Bornkamm, Der 31. Oktober als Tag des Thesenanschlags. *Ibidem* 61 (1961) pág. 508s.

se as datas previstas para uma determinada festa (Todos os Santos) também podem compreender a véspera³? Mais tarde, quando lembra êste dia importante, Lutero fala regularmente do dia de Todos os Santos. A controvérsia (a respeito da data) já está quase decidida contra Volz. Bornkamm e Aland apresentaram motivos deveras convincentes contra Volz,⁴ e também os pesquisadores católicos que mais tarde tomaram parte na controvérsia, geralmente tomaram o partido de Bornkamm e Aland e não o de Volz quanto à pergunta da data. Opinaram que, caso as teses de fato foram afixadas, então antes no dia 31 de outubro que em 1.º de novembro. Realmente, não vale a pena continuar a discutir a respeito do problema da data.⁵

A controvérsia a respeito da data seguiu uma controvérsia ainda muito mais sensacional e talvez mais grave. O impulso foi inequivocamente outra vez dado por Hans Volz que publicou, no decorrer da controvérsia a respeito da data, um exame muito bem elaborado a respeito de "Martin Luthers Thesenanschlag und dessen Vorgeschichte" (A afixação das teses de Martin Lutero e seus antecedentes), Weimar 1959.⁶ Contém uma grande quantidade de material a respeito da afixação das teses e sobretudo a respeito das discussões em torno das teses. E seria difícil apontar uma falha notória a Volz. Todo aquêle que participava da discussão usou com gratidão muitos dos documentos comprobatórios de Volz. Volz evidenciou que só existe um único relato claro e preciso a respeito da afixação das teses a 31 de outubro. Está contido na biografia antiga e suscinta que Melanchthon publicou no segundo volume das obras latinas de Lutero ainda no ano da morte de Lutero, em 1546. Diz textualmente: "...edidit Propositiones de Indulgentiis, quae in primo Tomo monumentorum ipsius extant, Et has publice Templo, quod arci Wittenbergensi contiguum est, affixit pridie festi omnium Sanctorum anno 1517."⁷ Volz põe em dúvida a autenticidade dêste dado (pridie), apontando erros que evidentemente escaparam de Melanchthon na Vita de Lutero. Nela é trocada a ordem de preleções, o temário das preleções é indicado errôneamente, a viagem de Lutero a Roma é datada de maneira incorreta etc.⁸ Certa influência tem a observação de Heinrich Boehmer, o qual em sua conhecida maneira sarcástica e com sua preferência por formulações drásticas se expressou de modo cheio de despeito (em seu livro sobre a viagem de Lutero a Roma) a respeito da pe-

3 Quanto às Vigílias, vide L Th K vol. 10, col. 785-787 (J. A. Jungmann). — Rietschel-Graff, Lehrbuch der Liturgik, 2.ª edição 1950, I, 170s.

4 Nota 2.

5 Se de fato Lutero informou o "público", antes que o Arcebispo pudes-se reagir, então tanto faz se o fato ocorreu a 31 de outubro ou apenas a 1.º de novembro. Se Melanchthon não se enganou a respeito do fato da afixação das teses, por que haveria de se enganar a respeito da data? etc.

6 A partir de agora citado apenas como Volz.

7 CR 6, 162, 2-4.

8 Vide Volz, pág. 29ss. e acima anot. 1, pág. 457s.

quena biografia de Lutero editada por Melanchthon.⁹ Volz conclui que não é necessariamente preciso dar fé a Melanchthon, quanto à data de 31 de outubro.

Uma série de historiadores da Reforma, católicos, observou atentamente a controvérsia evangélica, até então, interna. Como se vem a saber agora, não são apenas aqueles que na época se pronunciaram. Aceitaram o que Volz, a bem dizer, lhes punha nos lábios. Agarraram-se ao fato de que afinal de contas existe apenas este único relato a respeito da afixação das Teses a 31 de outubro e a respeito da afixação das mesmas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Perguntaram, se de fato era algo comprovado que a afixação de teses houvesse efetivamente ocorrido. *Erwin Iserloh*, na época residente em Trier, hoje em Münster, apresentou no verão de 1961 a afirmação de que a afixação das Teses era uma lenda¹⁰ (nêsse meio tempo já se pronunciou diversas vezes mais)¹¹.

Esta afirmação da lenda da afixação das teses provocou rios de afirmações contrárias; nem mais é possível divisá-las a tôdas. A afirmação de Iserloh não chocou muito o mundo científico, pois Iserloh observa em seguida que a sua afirmação acêrca da afixação das teses não atinge as teses a respeito da indulgência, nem o fato de que as mesmas provocaram a Reforma, nem mesmo a data de 31 de outubro. Nêste dia Lutero enviou as suas teses ao arcebispo *Albrecht von Magdeburg*. No entanto a imprensa eclesiástica, evangélica e católica, reagiu aflita, e até na imprensa diária a questão da afixação das teses foi discutida violenta e detalhadamente.¹² O ponto alto constitui talvez um artigo editado e apresentado de uma maneira um pouco sensacional na edição do semanário *Spiegel* do ano de 1966.¹³ Quando tive que apresentar para a festa da Reforma de 1962 um relato da então situação da controvérsia nos *Lutherische Monatshefte*, o assunto era bastante difícil.¹⁴ Até em Leipzig era difícil de se conseguir as publicações dos jornais da Alemanha Ocidental.¹⁵ Até hoje a questão em tórno da afixação das teses não foi deixada de lado. A comissão de história eclesiástica da associação de historiadores da Alemanha chegou a se ocupar do tema em outubro de 1964.¹⁶ Pessoalmente não posso oferecer garantias de que no ano do jubileu da Reforma não surjam de

9 1914, pág. 8.

10 E. Iserloh, *Luthers Thesenanschlag. Tatsache oder Legende?* *Trierer Theologische Zeitschrift* 70 (1961), pág. 303-312. — Publicado sob o mesmo título em publicação avulsa em Wiesbaden, no ano de 1962.

11 E. Iserloh, *Luther zwischen Reform und Reformation. Der Thesenanschlag fand nicht statt*, 1966.

12 H. Steitz, *Luthers 95 Thesen. Stationen eines Gelehrtenstreites*. *Jb. d. hess. Kirchengesch. Vereins* 14 (1963) págs. 179-191. — O mesmo, *Martin Luthers Ablassthesen von 1517. Bericht über die Diskussion* (1957-1966). *Gesch. in Wiss. und Unt.* 16 (1965), págs. 661-674.

13 *Luthers Thesen. Reformator ohne Hammer*. *Spiegel* Nr. 1/2/1966.

14 F. Lau, *Zweifel um den 31. Oktober 1517?* *Luth. Monatshefte* 1(1962), págs. 459-463.

15 A "Deutsche Bücherei" não coleciona jornais.

16 De 7 a 11 de outubro de 1964. Vide *Berichtsband über die 26. Versammlung deutscher Historiker in Berlin*, Stuttgart 1965, págs. 37-42 (*Beiheft zur Gesch. Wiss. Unt.*).

novo repentinamente artigos a respeito da afixação das teses, seja no sentido de afirmar que seja uma lenda, seja no sentido contrário, de que de fato tenha ocorrido.

Não considero ser minha missão relatar a respeito de tôdas as opiniões que foram impressas em *Welt am Sonntag*, em *Christ und Welt*, no *Sonntagsblatt* de Hannover, no *Spiegel* ou ainda na imensidão de fôlhas eclesiásticas ou comunitárias. Entre êstes opinaram jornalistas sedentos de sensação como também historiadores sérios. Inúmeras opiniões foram apresentadas de forma muito emotiva. O verdadeiro conhecimento de causa aparentemente está muito mal distribuído. No periódico *Geschichte in Wissenschaft und Unterricht* foram publicados por duas vêzes artigos de *Heinrich Steitz*, 1963 e 1965, catalogando todos os artigos relacionados com a controvérsia. Posso por isso concentrar-me na referência às duas publicações. A êstes ainda poderia ser acrescentado o relato feito por *Irmgard Höss* a respeito da discussão nas conversações do dia dos historiadores da Alemanha Ocidental, em outubro de 1964, publicado no periódico citado em 1965.¹⁷ Concentrar-me-ei nas publicações que nos permitem um progresso objetivo, reservando-me naturalmente o direito de recorrer a pormenores dos demais artigos úteis para o tema, quando se fizer necessário. Esforçar-me-ei para destacar os problemas sérios, objetivos e metódicos.

É compreensível que é algo desagradável relatar sôbre uma controvérsia que ainda está em andamento e da qual ainda por cima se toma parte. Justamente neste ano em que comemoramos os 450 anos da Reforma poderão surgir quase que diàriamente novas contribuições ao tema. Há a possibilidade de descobertas novas e de suma importância. É possível que repentinamente venha a ser encontrada uma impressão original das Teses como foi afixada. Ou então que seja apresentada uma prova de que não se tratasse apenas de uma reimpressão das Teses enviadas por Lutero aos seus superiores e amigos. Quero apresentar fases isoladas da discussão ou seja, alinhar temas específicos, enumerando-os para simplificar.

1. Já foram apresentados os antecedentes da controvérsia mencionada, desde a afirmação de que a afixação das teses houvesse ocorrido a 1.º de novembro, até que surgisse a tese de Iserloh a respeito da "lenda" da afixação das teses. Tão logo fôra feita a afirmação, a controvérsia passou logicamente a ser principalmente uma disputa entre católicos e evangélicos. Existem também pesquisadores evangélicos que secundam vigorosamente seus colegas católicos, p.e. o já citado historiador eclesiástico de Mainz, *Heinrich Steitz*. As opiniões não se dividem portanto exatamente em dois campos confessionais. Os pesquisadores católicos surgem quase que como apoletas de Lutero. Não os interessa o fato de apenas *Melanchthon* haver falado sôbre a afixação das teses. Partem do fato de que indiscutivelmente Lutero enviou as Teses

17 I. Höss, *Diskussion über "Luthers Thesenanschlag"*. *Bericht. Gesch. Wiss. Unt.* 16 (1965), págs. 695-699.

a 31 de outubro ao arcebispo Albrecht. Pois o original da carta anexa existe e é conservado no real arquivo sueco de Estocolmo. 18 Da anotação do verso da carta deduz-se que os conselheiros de Albrecht de Magdeburg receberam e abriram a carta a 17 de novembro de 1517. Enviaram-na em seguida junto com o anexo (as Conclusiones) e um tratado a Albrecht em Aschaffenburg. Falaremos a respeito da carta mais tarde. Iserloh argumenta: Se Lutero escreveu a respeito da questão da indulgência no dia 31 de outubro ao arcebispo e também, como assegura mais tarde, ao seu bispo diocesano *Hieronymus Scultetus* de Brandenburg, não poderia então ter apresentado as teses ao público no mesmo dia, nem no dia subsequente. Uma sombra pairava sobre o caráter de Lutero, caso se tivesse que aceitar isso. "Sem a afixação das teses, Lutero não é atingido pela acusação de ser um mentiroso. Expressando-se de maneira mais elegante, não é atingido pela acusação de corrigir os fatos. Evidencia-se então que se tornou reformador, sem o querer, e não por último, por falta de responsabilidade religiosa e ética por parte dos bispos e da cúria." 19 Outro pesquisador que participou do debate, *Klemens Honselmann*, conclui seu primeiro artigo com as palavras: "Com êsse fato não se atingiu o real significado de Lutero. Sim, gostaria de dizer que após o malogro da lenda, êle surge mais imponente. Não foi o revolucionário que pretendia desafiar a Igreja Cristã com a afixação de suas teses na Igreja do Castelo de Wittenberg, mas o monge que ainda zelava pela Igreja, que pretendia, ao enviar pessoalmente as suas teses, evitar um mal dentro da Igreja. Sem o querer, arrastou consigo as massas." 20 Posso registrar que mais ou menos no princípio da 2.^a Guerra Mundial iniciou uma mudança dentro da pesquisa católica acerca de Lutero; esta mudança já estava em parte preparada. O representante dessa mudança dentro da pesquisa católica a respeito de Lutero e da Reforma é *Joseph Lortz* de Mainz. 21 Menos eficiente, em virtude da sua exposição muito árida e da apresentação muito pesada, com excesso de material, é o estudo publicado em 1943 por *Adolf Herte* sobre: "Das katholische Lutherbild im Banne der Lutherkommentare des Cochläus" 22 Os comentários, sobre Lutero de Cochläus são a mais antiga biografia de Lutero de caráter polêmico e que determinaram de maneira mais acentuada a visão católica de Lutero durante séculos. Mas o trabalho de Herte tem objetivamente o mesmo significado que a exposição da História da Reforma de Joseph Lortz. Por volta de 1950 os pesquisadores católicos de Lutero principiaram a se voltar ao exame da teologia de Lutero. 23 Hoje há inúmeros teólogos católicos "abertos" para com Lutero,

18 WA Br 1, n.º 48, vide pág. 114.

19 Iserloh, op. cit. (anot. 10) pág. 312.

20 Theologie und Glaube 55 (1965) pág. 23.

21 J. Lortz, Die Reformation in Deutschland, 1939/40. 4.^a edição, 1962.

22 3 vol. 1943. Já antes: Die Lutherkommentare des Johannes Cochläus, 1935.

23 Th. Sartory, M. Luther in katholischer Sicht. Una sancta 16 (1961) págs. 38-54.

de uma maneira nunca vista. Resumindo: O Concílio Vaticano II teve também uma grande influência sobre a pesquisa a respeito de Lutero, antes mesmo que fosse aberto. Os contestadores da positivação da afixação das teses se encontram entre os teólogos católicos assim ecumenicamente orientados. A meu ver não há mais dúvidas a pôr, quanto ao fato de serem procurados salvar a reputação de Lutero. A correspondência com contraentes católicos é extremamente agradável, e não é com todos os colegas evangélicos implicados na discussão que nos podemos entender tão bem.

2. Uma observação mais detida da tese de Iserloh, modificada um pouco em um livro surgido no ano passado, e da carta de Lutero a Albrecht, da qual Iserloh parte, conduzem-nos quase ao ponto crucial da discussão. O *petitum* da carta não é idêntico ao que está escrito nas teses. Na carta, Lutero pede ao arcebispo com toda a humildade a ele devida por ser monge, que este retirasse a instrução aos pregadores da indulgência, publicada sob o seu nome. Esta fomentava o mal-entendido de que a finalidade da indulgência era o perdão dos pecados e não só a isenção de penas temporais. O próprio papa havia imposto esses castigos para os pecados, podendo também dispensá-los ou moderá-los. E por isso pedia que fosse indicada aos pregadores de indulgência *alia praedicandi forma*.²⁴ Faz referência ao perigo de se protelar o assunto por mais tempo.²⁵ Nem se fala a respeito das teses na carta. Apenas em um *postscriptum* abaixo da assinatura Lutero faz referências às teses inclusas. Destas poder-se-ia concluir, quão dúbia é a questão quanto à doutrina teológica da indulgência que os pregadores de indulgência divulgavam como absolutamente certa. Não pode ser falado de uma ameaça clara ou encoberta de que Lutero eventualmente viesse a publicar as suas teses.

O ponto central da argumentação de Iserloh e de todos os que compartilham da sua apuração é de que Lutero teria pelo menos uma obrigação moral, se não jurídica, de aguardar a reação do arcebispo. A publicação de um livro necessitava na realidade de um parecer favorável da censura eclesiástica, i. é, do bispo diocesano. Mas será que a premissa está certa? Lutero sempre de novo se reportou ao seu direito de disputa que lhe era conferido por ser professor catedrático, frente aos ataques dirigidos às suas proposições.²⁶ O direito de disputa consistia em discutir e procurar esclarecer em diálogo questões ainda abertas; portanto questões que ainda não haviam sido decididas

24 WA Br 1, n.º 48, pág. 112, 56s.

25 "Ne forte aliquis tandem exurgat, qui editis libellis et illos et libellum illum (sc. die Instruktion der Ablassprediger) confutet, ad vituperium summum illustrissime tuae sublimitatis, quod ego vehementer quidem fieri abhorreo et tamen futurum timeo nisi cito succuratur." WA Br 1, n.º 48, pág. 112, 57-60.

26 WA 1, 528, 27-30.

de forma definida por parte do papa. No grande comentário das teses, as *Resolutiones*,²⁷ enviada por Lutero em fins de maio/princípio de junho de 1518 a Roma e após publicado, está explicado de maneira extremamente exata o que Lutero afirmava e o que punha em discussão.²⁸ A meu ver, tudo gira em torno da pergunta, se a discussão a respeito de questões teológicas ainda era livre na época pré-reformatória no ambiente acadêmico, na forma acadêmica e no idioma dos estudiosos, de então, o latim, ou, então, se já existia uma necessidade de deferimento para a discussão acadêmica de tais questões.

3. Talvez seja acertado apontar a essa altura o fato de que quase na mesma época da controvérsia a respeito da afixação das teses, se mantém uma outra controvérsia na pesquisa a respeito de Lutero (quanto ao seu conteúdo, é de importância maior para os teólogos): A controvérsia a respeito da época em que Lutero descobriu o princípio teológico da Reforma.²⁹ A primeira vista as duas controvérsias não têm nada em comum. Na outra controvérsia pergunta-se pela época em que Lutero se tornou teólogo evangélico. Ou em outros termos: Quando foi que para êle a relação para com Deus passou de uma relação de merecimentos para uma realidade da graça. Na sua pequena autobiografia publicada pouco antes de sua morte, Lutero atribui a sua grande descoberta à compreensão de uma passagem da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, na época da sua segunda preleção sobre os salmos, portanto nos anos de 1518 ou 1519.³⁰ A assim chamada Escola de Holl (*Karl Holl* foi até a sua morte em 1926 professor catedrático de História Eclesiástica em Berlim) que conseguiu ocupar quase que todas as cadeiras de História Eclesiástica entradas em vacância nos anos que se seguiram à I.ª Guerra Mundial, transferiu a época em que Lutero descobriu o princípio teológico da Reforma para o tempo da primeira preleção sobre os salmos, portanto para os anos de 1513 ou 1514. Defendeu-se inclusive os anos de 1508 ou 1509 dentro da pesquisa a respeito de Lutero.³¹ Os discípulos de Holl ainda estão em esmagadora maioria entre os pesquisadores de Lutero na Alemanha. No 3.º Congresso de Pesquisadores de Lutero em Helsinki no ano de 1966 o problema foi discutido por uma comissão especial constituída por evangélicos e católicos, com vitória quase esmagadora dos discípulos de Holl,

27 WA 1, (522) 525-628.

28 WA 1, 534,22; 545,12; 567,29 etc; em contraposição WA 1,530;18; 531;23; 532,4; 533,37; 570,37; 587,17 etc. Vide também 562,4s.

29 Básico é E. Bizer, *Fides ex auditu. Eine Untersuchung über die Entdeckung der Gerechtigkeit Gottes durch Martin Luther*. 1958, 3.ª edição 1966.

30 E. Stracke, *Luthers grosses Selbstzeugnis über seine Entwicklung zum Reformator historisch-kritisch untersucht*, 1926.

31 Encontra-se um resumo sobre as diversas tentativas de por a data em K. Aland, *Der Weg zur Reformation. Zeitpunkt und Charakter des reformatorischen Erlebnisses Martin Luthers*, 1965 (=Theol. Existenz heute, NF 123).

secundados pelos católicos.³² A minoria entretanto (propositadamente, em parte) nem viera a Helsinki. Representante da opinião da minoria é Kurt Aland, de Münster, provavelmente impossibilitado de se fazer presente. Caso a minoria tivesse razão, Lutero ainda teria sido católico medieval ao publicar as teses. A passagem para a Reforma nestas circunstâncias seria então apenas consequência da discussão em torno das teses.³³ Não posso ocultar o fato de que para mim a exatidão ou pelo menos a quase exatidão do ponto de vista da minoria se evidencia sempre mais. Não me é possível destrinchar tôda a problemática. Entre as heranças de Lutero, de antes da Reforma deveria também constar o seu ponto de vista independente na questão em torno do direito à expressão de idéias científicas!³⁴ Espero ter tornado bastante claro de que evidentemente há mais do que uma simples questão formal em jôgo, na discussão em torno da afixação das teses. Na atual discussão em torno das teses está em pauta a questão da transformação do catolicismo medieval em catolicismo contra-reformatório. O catolicismo da Contra-Reforma é algo totalmente diverso do catolicismo liberal da Idade Média.³⁵

4. Klemens Honselmann, de Paderborn, é o outro pesquisador católico já citado, que tomou parte na discussão. Honselmann, sem dúvida, é o pesquisador mais seguro em sua opinião, e, pensa poder provar estritamente que a afixação das teses não se tenha realizado. Honselmann exige sempre as provas daquele que esteja cético em relação à afirmação de que a afixação das teses tenha um caráter lendário. Iserloh compreendeu muito melhor que a circunstância da existência de uma única prova (mesmo que esta seja totalmente incontestável) nos força ao campo de provas indiciárias, colocando indício ao lado de indício, para então ponderar os indícios entre si. Iserloh mostra-se, finalmente, crítico em relação aos resultados de Honselmann. Num ponto, porém, o trabalho efetuado por Honselmann é muito importante e proveitoso, quando nos lembra o fato de que o problema do texto das teses das indulgências é tão complexo que se faria necessário elaborar, em primeiro lugar, uma edição crítica do próprio texto. Consta que não temos acesso à versão original das teses. O anexo à carta destinada ao arcebispo Albrecht não se encontra no arquivo real de Estocolmo. Também não se pôde achá-lo no arquivo do Vaticano, onde se poderia presumir encontrá-lo, caso o arcebispo Albrecht o tivesse enviado a Roma como documento para o processo.³⁶ É evidente que Albrecht tenha mandado uma cópia para a Universidade de Mainz, quando

32 I. Asheim (Editor), *Kirche, Mystik, Heiligung und das Natürliche bei Luther*. Vorträge des III. Internat. Kongresses für Lutherforschung, 1967.

33 A data mais recente encontramos em H. Pohlmann, *Hat Luther Paulus entdeckt?* 1959.

34 Vide o documento citado a pág. 183 (anot. 66).

35 E. Iserloh, *Luther zwischen Reform und Reformation*, 1966, pág. 73s.

36 Quanto ao fim das atas do processo no arquivo do Vaticano vide Karl Müller na *Zeitschrift für Kirchengeschichte* (ZKG) 24 (1903) pág. 46.

solicitara da mesma um parecer.³⁷ O arquivo da antiga Universidade de Mainz se perdera, já no tempo de Napoleão. As partes mais importantes foram copiadas no fim do século XVIII por um historiador de Mainz *Franz Joseph Bodmann*. Estas cópias ainda estão conservadas na biblioteca da cidade de Mainz.³⁸ Bodmann não copiou as teses propriamente ditas; evidentemente, não achou necessário assim proceder pelo fato de as mesmas serem conhecidas. No ano de 1799 ninguém imaginava, quão incerto era o texto das teses. Esta opinião era ratificada pelo fato de que as modificações do texto, na realidade, não eram tão importantes. *Walther Koehler* publicou no ano de 1903 uma edição crítica das teses de Lutero, edição esta, que contém muito material explicativo de importância, mas que não apresenta os diversos textos e nem compara os mesmos entre si.³⁹ Para o assim chamado *textus receptus*, deu-se por base na edição weimariana 3 reimpressões das teses; das teses publicadas ou (de acordo com Iserloh e Honselmann) das teses manuscritas, que Lutero havia remetido a seus amigos.⁴⁰ Estas teses, no entanto, foram confeccionadas de uma forma desmazelada. Causa estranheza que nestes textos as teses tenham uma enumeração diferente. No primeiro caso contou-se 3 vezes consecutivas até 25, e, em seguida, contou-se, então, uma vez até 20. Na outra impressão chegou-se a contar somente até a tese 87, mas após a tese 26 a contagem começou de novo em 17; de maneira que no final chegam a faltar 10 teses ou então há um acréscimo de duas teses. A razão de haver duas teses a mais (87 ao invés de 85 ou 97 ao invés de 95) deve-se ao fato de que se dividiu 2 teses respectivamente em dois. (De acordo com a contagem habitual são as teses 55 e 83). Honselmann torna o fato provável, de que as teses originalmente, nem tenham sido enumeradas e aponta, por exemplo, para duas formas de textos datados de 1530 e 1538, nos quais as diversas teses não têm enumeração alguma; por um lado Lutero teria mandado imprimir de novo suas teses (por ocasião de diversas disputas), isso em 1538, e, por outro lado, Melanchthon teria mandado imprimir as teses de Lutero, em 1530.⁴¹ Certamente, não foi a intenção de Honselmann apontar para o maior número possível de textos ou mesmo para todos os textos existentes. Interessa-lhe, em primeiro lugar, o assim chamado diálogo de Sylvester Prierias: "In praesumptuosas Martini Luther conclusiones de potestate

-
- 37 F. Herrmann cita na ZKG 28 (1907) pág. 371 uma notícia do historiador Franz Anton Dürr (do séc. 18), natural de Mainz, na qual se fala de uma copia manuscripta Moguntina das teses. O teor do texto não exclui também a possibilidade de que Albrecht tenha enviado um exemplar original (solicitando que se devolva o mesmo) para Mainz. Dêste exemplar se teria, então, feito em Mainz uma cópia.
- 38 Impresso por F. Herrmann: *Miscellen zur Reformationsgeschichte*, ZKG 23 (1902) págs. 263-268.
- 39 W. Köhler: *Luthers 95 Thesen samt seinen Resolutiones sowie Gegen-schriften von Wimpina-Tetzel, Eck und Prierias und den Antworten darauf*, 1903.
- 40 WA 1 (229) 233-238. Fac-símile das 3 impressões independentes em Volz, *Beilagen* e entre as págs. 48 e 49.

papae dialogus”, diálogo êste, que o perito em teologia, representante do Papa Leão VIII, redigira contra Lutero em meados de junho do ano de 1518.⁴² Êste diálogo tinha por base o exemplar das teses que Lutero tinha remetido ao arcebispo Albrecht e que êste, por sua vêz, tinha levado adiante à cúria. Honselmann supõe êste fato como certo e, na realidade, é perfeitamente possível. O diálogo, aparentemente, traz o teor integral de tôdas as teses de Lutero. As teses não estão enumeradas, mas quando contadas, sòmente chegam a 93; faltam, pois, as teses 92 e 93.⁴³ Honselmann tira dêste fato (em combinação com outras observações) a conclusão de que as teses enviadas a Albrecht sòmente tenham permanecido com Albrecht de Magdeburg, aproximadamente, até o dia 20 de dezembro de 1517 como “matéria secreta”, ou que então, já estavam a caminho de Roma. Mais ou menos pelo dia 20 de dezembro, Tetzl teria publicado em Frankfurt sôbre o Oder, as “Antíteses”, motivando com isso que Lutero mandasse a um grupo de amigos uma formulação das teses acrescidas de duas frases. Sòmente em princípios de 1518 as teses estariam então, ficando conhecidas de uma maneira geral. Os 14 dias tão memoráveis e tão conhecidos, durante os quais as teses estariam sendo propagadas por tôda Alemanha, como Lutero ainda escrevera pouco antes da sua morte, devem ser procurados tão sòmente no ano de 1518.⁴⁴

Há, porém, a objetar em relação à argumentação de Honselmann, por exemplo, o fato de que Prierias mesmo declarou ter omitido no final do diálogo algo que lhe parecesse incompreensível; e nada poderia ser mais sugestivo do que pensar na tese 92 e 93 que Prierias teria, então, de fato, diante de si.⁴⁵ Causanos, ainda, desagrado maior o fato de que Honselmann, no entusiasmo de suas descobertas, não tenha notado que existisse uma resposta ao diálogo mencionado, escrita pelo próprio Lutero.⁴⁶ Nesta Lutero omite ainda mais partes do texto do que Prierias, e aponta para as falhas dêste. É lamentável que principalmente o final do texto do diálogo seja tratado muito sumariamente, não sendo assim mais possível, acrescentar nada com relação à omissão suposta das duas teses (92 e 93). A “Responsio” enumera as teses, algo que até agora não foi levado em consideração. As teses foram enumeradas por Lutero mesmo; partindo desta enumeração e de algumas expressões, podemos chegar a conclusões muito interessantes. É natural que o texto das teses da “Responsio” de-

41 K. Honselmann: *Urfassung und Drucke der Ablassthesen Martin Luthers und ihre Veröffentlichung*, 1966, Beilage VII-XIX e XX-XXXII.

42 Texto na EA opp. lat. Var. arg. I págs. 344-377; texto alemão vide Walch 18 págs. 81-119.

43 Honselmann op. cit. págs. 57ss. 114ss. e Beilage pág. Iss.

44 K. Honselmann: *Die Veröffentlichung der Ablassthesen Martin Luthers 1517, Theologie und Glaube* 55 (1965) pág. 19 (em especial o penúltimo parágrafo).

45 H. Bornkamm: *Thesen und Thesenanschlag Luthers* (cf. nota 55) pág. 208 e nota 91.

46 Cf. Lau in *LuJ.* 34 (1967) págs. 52ss., cf. nota 54.

vesse ser levado em consideração numa edição crítica às teses. Este fato nos mostra, de uma maneira sucinta, quanto desgosto pode causar uma controvérsia exposta a emoções como é o caso em relação à afixação das teses.

5. Sempre de nôvo foram feitas objeções às exposições de Iserloh e de Honselmann⁴⁷: de uma forma bem enérgica, e, às vêzes, até um tanto injusta, por Kurt Aland de Münster⁴⁸, posteriormente, por Heinrich Bornkamm de Heidelberg, antes em Leipzig (quando suas objeções eram menos drásticas, mas sempre categóricas) e finalmente, por *Peter Meinhold* de Kiel.⁴⁹ Durante a festa da Reforma de 1962 eu mesmo me manifestei nos "Lutherische Monatshefte."⁵⁰ Na oportunidade como, posteriormente, também outros o fizeram, apontei para o fato de que numa época, em que Melanchthon se encontrava sob forte pressão as declarações dêste, não foram refutadas de nenhum lado. Após a morte de Lutero, o luteranismo se dividira, justamente devido à concepção de Melanchthon, em gnesio-luteranos e em filipistas. O primeiro biógrafo católico de Lutero, *Johann Cochläus*, decididamente contrário a Lutero, e que trabalhara em sua biografia desde 1532, refere-se já no início da sua biografia, aparentemente, à exposição de Lutero de 1545 (cartas aos bispos) e à exposição de Melanchthon de 1546 (afixação das teses); e em momento algum, Cochläus pensa em negar um fato sequer.⁵¹ Esta parte no início da biografia, todavia, poderia ter sido escrita posteriormente às demais partes. Mesmo assim, mesmo no outono do ano passado, a situação da discussão era tal que Erwin Iserloh foi capaz de dar ao seu trabalho, um tanto resumido, o seguinte subtítulo: *Der Thesenanschlag fand nicht statt (A Afixação das teses não se realizou)*⁵². O trabalho de Honselmann, um tanto mais extenso, e que poderia ter sido publicado algum tempo antes, foi divulgado de maneira semelhante num prospecto de propaganda da editôra.⁵³

Dois trabalhos foram agora publicados, no início do ano jubilar, num intervalo de tempo bastante curto, e independentes entre si. Estas publicações viriam a alterar, um tanto, a situação. Os autores de ambos os trabalhos eram os ocupantes efetivos da mesma cátedra, ou seja, da cátedra de história eclesiástica de Leipzig. Meu próprio trabalho se encontra no "Lutherjahrbuch" de 1967, publicado no dia 18 de fevereiro dêste ano.⁵⁴ O trabalho

47 Uma supervisão dos participantes da discussão em Steitz (nota 12) ou em Höss (nota 17).

48 Cf. somente *Gesch. Wiss. Unt.* 16 (1965) págs. 686-694, mas também *Martin Luthers 95 Thesen mit den dazugehörigen Dokumenten aus der Geschichte der Reformation*, 1965.

49 *Christ und Welt* de 3/8; 2/11; 9 e 16/11 de 1962 e *Welt am Sonntag* de 5/8 de 1962.

50 Cf. nota 14.

51 A. Herte. *Die Lutherkommentare des Johannes Cochläus*, 1935, pág. 10.

52 Cf. nota 11.

53 Cf. nota 41.

54 F. Lau, *Die gegenwärtige Diskussion um Luthers Thesenanschlag, Sachstandsbericht und Versuch einer Weiterführung durch Neuinterpretation von Dokumenten*, *LuJ* 34 (1967) págs. 11-59.

de H. Bornkamm se encontra na publicação comemorativa a *Hanns Rückert*.⁵⁵ Partindo de uma contagem regressiva, Rückert foi o 3.º ocupante da mesma cátedra. Bornkamm entra em pormenores, especialmente, com relação a críticas feitas por Heinrich Böhmer contra Melanchthon. Contando de trás para frente Böhmer foi o quarto ocupante da cátedra de história eclesiástica da Faculdade de Teologia de Leipzig. Os textos, aos quais se referem, em especial, Bornkamm e *Lau* aparecem de maneira atrofiada na *Zeitschrift für Kirchengeschichte (ZKG)* do princípio deste século ou seja, dos anos de 1902 e 1907.⁵⁶ *Theodor Brieger*, o editor da ZKG, foi na sua época o melhor conhecedor dos acontecimentos relacionados com a discussão sobre as teses. Brieger fôra antecessor de Böhmer na cátedra de história eclesiástica de Leipzig. Bornkamm⁵⁷ e eu, sem dúvida, seguimos nos pormenores apresentados, caminhos diversos; sobre nossos trabalhos terei de relatar agora. Nunca discutimos, em conjunto, a problemática das teses, nem mesmo durante o outono passado em Helsínki, antes que apresentasse minhas pesquisas, pouco menos de um mês após, na Faculdade de Teologia de Helsínki, quando apresentei uma relação mimeografada do texto. Em nosso método fomos tão conformes, de modo que me sinto, em todos os casos, consideravelmente corroborado e seguro. Mesmo que num outro aspecto não possa concordar totalmente com Bornkamm, por exemplo, na questão quanto à data da descoberta reformatória. É impossível que apresente todos os pontos, também não é necessário que assim o faça, já que meu trabalho deverá ser publicado, ainda no outono, na "Evangelische Verlagsanstalt" de Berlim. Bornkamm e eu somos unânimes em nosso ponto de partida, ao afirmarmos que a problemática referente à publicação das teses somente poderá ser esclarecida no contexto de todo o processo contra Lutero. Tentei interpretar 28 documentos de uma forma nova, e através das exposições de Bornkamm evidenciou-se que se deveria acrescentar, ainda, outros documentos, se quiséssemos ser exatos. Bornkamm, por exemplo, deu muita atenção ao parecer dado pela Faculdade de Teologia de Leipzig, parecer este que é possível reconstruir partindo de uma carta publicada por Gess e dirigida ao duque Georg da Saxônia. No entanto, não levei este parecer em consideração, porque não intencionava em minhas pesquisas, ir além do princípio de junho de 1518. Bornkamm e eu não temos dúvidas de que importa, no que tange às teses, analisar em primeiro lugar os primeiros documentos publicados imediatamente após o dia 31 de outubro de 1517. Trata-se de uma carta de Lutero a *Espalatio*, o homem de confiança do príncipe eleitor em Torgau,

55 Geist und Geschichte der Reformation. Festgabe Hanns Rückert zum 65. Geb. 1966. Nesta obra: H. Bornkamm, Thesen und Thesenanschlag Luthers. Zur Frage des 31. Oktober 1517, págs. 179-218.

56 ZKG 23 (1902) págs. 263-268; 28 (1907) págs. 370-373.

57 O artigo de Bornkamm encontra-se entrementes mais ampliado, sob o título de: "Thesen und Thesenanschlag Luthers", 1967; cf. ali, a pág. 39.

datada, na edição weimariana das obras de Lutero, de meados de novembro. Na referida edição é a carta de número 50; acrescenta-se, ainda, que sob o próprio texto da carta não se encontra nenhuma data.⁵⁸ Lutero se desculpa por não ter dado a conhecer suas teses à côrte. Fizera-o, propositadamente, para impedir que se suspeitasse do príncipe eleitor ser êle mesmo, por invejar os de Brandenburg, o inspirador das teses, um fato já suposto por muitos (*sicut iam audio a multis eorum somnari*). É possível datar com bastante exatidão a carta de Lutero, porque na mesma se fala de um nôvo hábito, o qual o príncipe havia prometido dar de presente a Lutero. Esta é a primeira de uma série de cartas, cuja última é a carta de Lutero a Espalatino, datada de 11 de novembro de 1517. Encontramos a mesma na edição weimariana das obras de Lutero, como sendo a carta de número 53.⁵⁹ A primeira desta série, a carta n.º 50, deve ter sido escrita entre os dias 3 a 5 de novembro. Esta carta prova que, 4 a 6 dias após o dia 31 de outubro, as teses não foram consideradas como "matéria secreta", ainda não revelada publicamente. Com certeza, as teses já tinham grande publicidade. Este fato, por sua vêz, nos força a começar a contagem dos 14 dias famosos e já mencionados, com a passagem de outubro para novembro de 1517.⁶⁰ É indiscutível que não podemos tomar êstes 14 dias, como sendo matematicamente exatos. Tenho que citar à margem que Aland tentara, no outono de 1966, num periódico da Igreja do Reno, provar ou ao menos tornar digno de crédito, que as teses já eram conhecidas em Nüremberg no dia 5 de novembro (sem levar em consideração a carta de Espalatino).⁶¹ Bornkamm se ocupa, num trabalho independente, com as exposições de Aland, e não as considera convincentes. Êste seu trabalho é uma complementação do seu artigo na edição comemorativa a Rückert, publicado há pouco tempo.⁶² Posso dar-me por satisfeito com a referência de que, metódicamente, Bornkamm, Aland e eu partimos da mesma intenção: de procurar as provas mais originais possíveis. Faz-se necessário acrescentar que procuro uma prova tal que preceda, evidentemente, o dia 11 de novembro, pois neste dia Lutero remeteu uma cópia das teses a Johann Lang em Erfurt. Através desta cópia foi possível a propagação das teses de um modo totalmente diferente, ou seja através da remessa das mesmas a localidades distantes.⁶³

Para Bornkamm e para mim há, ainda, um outro documento de grande importância, a saber o parecer teológico e canônico da Universidade de Mainz, o qual Albrecht conseguira na pri-

58 WA Br 1, n.º 50, págs. 117-119.

59 WA Br 1, n.º 53, págs. 124s.

60 WA 51, pág. 540, 25-27: "meine Propositiones... lieffen schier in vierzehentagen durch gantz Deutsch land" (*Wider Hans Worst, (1541)* (minhas teses eram propagadas em 14 dias por toda Alemanha).

61 Kirche in der Zeit 21 (1966) págs. 466-469.

62 Thesen und Thesenanschlag Luthers pág. 41 nota 123.

63 WA Br 1, n.º 52 págs. 121-123.

meira quinzena de dezembro de 1517.⁶⁴ Albrecht não esperou a chegada do parecer, mas sim entregou, já antes do tempo, a questão à cúria. Lutero foi qualificado no parecer, ou, melhor, na troca de correspondência referente a este parecer, como “quidam sacrae theologiae magister ordinis Heremitarum divi Augustini”, e suas teses foram consideradas como “nonnullae conclusiones seu positiones in insigni universali gymnasio Wittenburgensi scolastice et publice disputatae.” Caso constasse somente no parecer “scolastice disputatae”, isso poderia significar que as teses tinham o caráter de disputa (problemas não resolvidos são postos à discussão), e assim não se justificaria uma disputa pública. Como, porém, se explica a formulação “publice disputatae”? O mais interessante é que, na realidade, nunca se chegou a uma disputa pública, assim como Lutero o comprova claramente.⁶⁵ A Universidade de Mainz, no entanto, considerou tal disputa como sendo fato incontestado, e assim também o fez o arcebispo de Mainz, e, igualmente, um tal doutor *Jodocus Lorcher*, que apresentara o assunto ao professorado da Universidade de Mainz. (Lorcher foi o subcomissário das indulgências para as províncias dos “Hohenzollern” na Francônia). Como se explicaria este equívoco de outra forma, a não ser, partindo do fato de que se tivesse convidado publicamente para a disputa? E de que maneira diferente isso poderia ter acontecido, a não ser através da afixação das teses? Se, mesmo assim, a afixação das teses fôsse uma lenda, esta teria surgido já 6 semanas após a remessa das teses em Magdeburg e em Mainz.

O parecer de Mainz é mais proveitoso. Este parecer não tem absolutamente nada a objetar contra as teses de Lutero, como teses de disputa. O direito de disputa acadêmica não é negado a Lutero, nem por parte dos canonistas de Mainz e nem por parte dos teólogos de Mainz. É citado somente um cânone do “Corpus juris canonici” atribuído a Nicolau I, contendo a seguinte frase: “quod non liceat alicui de summi pontificis potestate vel iudicare vel disputare”. A Lutero fôra permitido disputar sobre tudo, exceto sobre os limites do poder do papa.⁶⁶ No Corpus juris canonici esta frase reza de uma maneira um pouco diferente: “Nemini est de sedis apostolicae iudicio iudicare aut illius sententiam retractare permissum”. Trata-se aqui unicamente do direito irrefutável do papa de decidir, como sendo ele a última instância judicial, e não do direito de debater a importância do poder papal. Além disso o decreto foi falsificado, sendo, aparentemente, de origem pseudoisidórica. Isso significa que Lutero foi condenado devido a sua posição frente ao papa,

64 WA Br 1, pág. 115. O parecer da universidade de Mainz e a posterior troca de cartas em relação a este parecer encontra-se na ZKG 23 (1902) págs. 265-268. Os assim chamados documentos de Bodmann (“Bodmannsche Papiere”), dos quais foram extraídos os textos (cópias do arquivo da antiga universidade de Mainz), ainda se encontram conservados hoje na Biblioteca Pública de Mainz.

65 WA Br 1, n.º 58, pág. 139, 46.

66 ZKG 23 (1902) pág. 267.

porque infringira um dogma que para êste caso específico nem fôra promulgado ainda.⁶⁷ Desta feita o poder doutrinário do papa firmou-se ainda mais no processo contra Lutero; isso, no entanto, ainda não tinha como consequência a sua dogmatização. Em outras palavras: a reforma, portanto, não começou com a discussão em tórno da doutrina da justificação por meio da fé, e sim iniciou com o problema do poder papal. Êste pensamento não fica, porém, sem consequências para a visão da reforma por parte da escola de Holl. Não tenho dúvidas de que terei de fundamentar essa questão ainda mais.

6. Encontra-se aberta ao debate, na discussão em tórno da afixação das teses, uma outra possibilidade de caráter metódico. Trata-se da questão, se é possível ou não, esclarecer o problema da afixação das teses, através de método baseado no estudo de casos análogos. Numa passagem um tanto obscura, a saber, nos "Mindener Heimatblätter", fala-se de uma afixação de teses, feita em 1530 pelo reformador de Minden, Nikolaus Krage, que teria afixado 19 teses nas portas das Igrejas de Minden, imitando aparentemente Lutero.⁶⁸ Esta analogia, com razão foi posta em dúvida por Aland.⁶⁹ Tetzl, porém, preparou e realizou, em dezembro de 1517 e em janeiro de 1518, uma disputa em Frankfurt sôbre o Oder. É muito provável que tenha procedido do mesmo modo que Lutero. A publicação das teses de Tetzl é indiscutível.⁷⁰ Em minhas pesquisas tentei chegar a soluções novas, seguindo êste caminho. É lamentável que não exista nenhum estudo sôbre a afixação das teses de Tetzl, bem como sôbre seus antecedentes, e, que num trabalho idêntico ao de Hans Volz, realizado em 1959, sôbre a afixação das teses de Lutero e de seus antecedentes se pudesse expor o assunto em pauta. De boa fé tive de aceitar que a impressão das teses de Tetzl, publicadas por Nikolaus Paulus, seja a impressão original e não uma cópia posterior, mas esta questão não tem sido ventilada e também teria que ser estudada ainda mais a fundo.

Posso finalizar, assim, minha exposição, referente a uma situação complexa de problemas, que se relacionam, por sua vez, a acontecimentos que, há 10 anos passados, não constituíam problema algum, mas que eram vistos como fatos históricos e como tais indiscutíveis. O resultado atual da discussão me parece ser o seguinte: as teses foram provavelmente afixadas e a visão tra-

67 Uma tentativa de fixar dogmáticamente a doutrina das indulgências foi feita através da bula de Leão X "Cum postquam circumspectis tua", datada de 9/11/1518. Cf. C. Mirbt, Quellen zur Geschichte des Papsttums und des römischen Katholizismus, 1924, 4.ª edição, n.º 416, pág. 256.

68 A. Clos: Luthers Thesenanschlag. Ein Beitrag aus der Mindener Reformationsgeschichte, Mindener Heimatblätter 34 (1962) págs. 288-291.

69 Kirche in der Zeit 21 (1966) pág. 467.

70 N. Paulus, Johann Tetzl, 1899, págs. 170-180.

dicional dos fatos deverá estar mais ou menos correta. Também me parece certo o fato, de que a afixação tenha ocorrido com maior probabilidade no dia 31 de outubro do que no dia 1.º de novembro. Controvérsias científicas, em muitos casos, não levam a um resultado absolutamente claro e exato. Anteriormente, já disse existir a possibilidade de que a controvérsia, em torno da afixação das teses, se resolva de uma hora para outra. Sòmente seria necessário que aparecesse uma impressão original das teses e que esta fòsse comprovada. Os arquivos existentes também ainda não estão esgotados, no que diz respeito ao material da história eclesiástica territorial (o autor pensa na situação da Alemanha). Por que não seria possível achar uma prova bem clara, a favor ou contra a afixação das teses? É provável que ainda haja surpresas como também decepções em torno dêste assunto. Por ora resta-nos esperar o decorrer do ano de 1967. Todo aquêle que já tem feito alguma descoberta, com certeza, haverá de trazê-la à tona durante o ano jubilar.